

➤ **Texto 1**

Sombras miúdas

A história de Ivanildo é que ele simplesmente não tem história. Morador de rua, virou notícia porque teve 85% corpo queimado por gasolina e faleceu na última terça-feira (27), e é só, mais nada.

O assassino, conforme as investigações policiais, era outro morador de rua, e o crime, vejam vocês a ironia da miséria humana -, foi motivado por conquista de território. Dizem que precisavam de mais espaço para viverem na rua.

Pois é, as calçadas! Há pessoas em guerra pelas calçadas frias da cidade de São Paulo.

Não conheci Ivanildo nem o seu algoz piromaníaco, mas tenho uma vaga idéia de quem sejam os infelizes. Já os vi queimando na retina dos meus olhos, numa dessas noites geladas e indignas, em suas casas de papelão que se movem como fantasmas pela nossa imaginação.

Ivanildo não devia ter documentos, tampouco identidade. Indigente, deve ter sido enterrado com seus trapos numa vala qualquer, de um cemitério qualquer, que é o lugar certo para qualquer um de nós, miserável ou não.

Outro dia vi um Ivanildo fuçando uma lata de lixo à procura de comida que sobra dos nossos pratos, mas o dono da lanchonete apareceu para expulsá-lo com um cabo de vassoura.

Fiquei com a impressão de que mendigos trazem má sorte para o comércio, e que restos de comida não são para restos de pessoas.

“Nós, os filhos de Deus, privatizamos até as migalhas”.

Tenho a impressão que os únicos que gostam dos moradores de rua são os cachorros. Aliás, de raça ou não, não conheço nenhum cachorro que não tenha um mendigo pra cuidar.

Moradores de rua são uma espécie rara de seres humanos: Eles não têm dentes, eles não cortam os cabelos, eles não tomam banho, pedem-nos esmolas, dormem no nosso caminho de casa, e nós, a não ser que peguem fogo, simplesmente não os vemos.

É difícil vê-los. Somos cristãos demais para enxergá-los.

E tem mais, dizem que são invisíveis a olho nu.

Mas não são, suas sombras miúdas se arrastam em nossas orações, para o deleite da nossa hipocrisia. Fingir que gostamos de deus é a melhor forma de agradar o diabo.

Um ser humano pegando fogo na calçada e os nossos joelhos doendo de tanto rezar pela nossa felicidade material...

Deus sabe o que faz, a gente não. Devia ser o contrário.

Se dependesse de mim, a humanidade (?) já tinha pegado fogo há muito tempo. Um por um.

(VAZ, Sérgio. *Literatura, pão e poesia: histórias de um povo lindo e inteligente*. São Paulo: Global, 2011. p. 67-68)

Questão 1:

Segundo o Dicionário Houaiss, ironia é "figura por meio da qual se diz o contrário do que se quer dar a entender" (2001, p. 1651). Localize no texto de Sérgio Vaz dois casos em que se emprega a ironia e explique a utilização delas.

A frase “somos cristãos demais para enxergá-los” é irônica, pois o cristianismo prega o amor ao próximo, independente de suas condições. Portanto, “não enxergá-los” não é uma atitude cristã. Há ironia, também, na frase “dizem que são invisíveis a olho nu”, já que eles são visíveis, como qualquer outro ser humano. Tal ironia traduz a pouca, ou nenhuma, importância que grande parte da sociedade dá aos mendigos.

Questão 2:

O texto é, fundamentalmente, de simpatia com os excluídos. Há também uma forte indignação que o atravessa. Transcreva uma passagem em que esta indignação aparece com clareza. Explique.

Passagens: “Um ser humano pegando fogo na calçada e nossos joelhos doendo de tanto rezar por nossa felicidade material.” Ou: “Se dependesse de mim, a humanidade (?) já tinha pegado fogo há muito tempo. Um por um.” A indignação se torna intensa quando o narrador critica a hipocrisia das pessoas que manifestam valores cristãos, mas não na prática social. Ou: A indignação se torna mais intensa quando o narrador compara a mesma morte que o morador de rua teve com a que ele deseja para a humanidade, cuja existência (com valores humanos) ele duvida.